

OS FILMES HOLLYWOODIANOS E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A ENFERMEIRA^a

Angélica RAMBOR^b

Maria Henriqueta Luce KRUSE^c

RESUMO

Aborda a produção de sentidos sobre a enfermeira nos filmes hollywoodianos. O objetivo é estudar o modo pelo qual o cinema hollywoodiano tem descrito a enfermeira e discutir que sentidos são estabelecidos pelas histórias contadas por Hollywood. O *corpus* de análise são filmes hollywoodianos sendo que a coleta de dados baseou-se no referencial de Rose. A observação dos filmes possibilitou a construção das seguintes categorias de análise discursiva: a enfermeira como normalizadora do hospital, a enfermeira como profissional subalterna e de pouco *status*, a enfermeira como vilã ou como heroína e a enfermagem como uma profissão feminina.

Descritores: Cinema. Poder (Psicologia). Identidade de gênero.

RESUMEN

Aborda la producción de sentidos sobre la enfermera en las películas de Hollywood. El objetivo es estudiar el modo por el cual el cine hollywoodense ha descrito a la enfermera y discutir los sentidos construidos por las historias contadas por Hollywood. El *Corpus* de análisis son películas hollywoodenses y la toma de datos se basó en el referencial de Rose. La observación de las películas permitió la elaboración de las siguientes categorías de análisis discursivo: la enfermera como normalizadora del hospital, la enfermera como profesional subalterna y de poco estatus, la enfermera como villana o como heroína y la enfermería como una profesión femenina.

Descriptorios: Cine. Poder (psicología). Identidad de género.

Título: Las películas hollywoodenses y la producción de sentidos sobre la enfermera.

ABSTRACT

This article discusses the production of meanings on nurses in Hollywood films. It aimed at studying how these films have depicted nurses, and meanings are built by the stories told. The body of analysis consisted of Hollywood films, and data were collected according to Rose. The following discourse analysis categories were identified: the nurse as the hospital normalizer, the nurse as a subordinate and low-rank professional, the nurse as villain or hero, and nursing as a feminine profession.

Descriptors: Motion pictures. Power (psychology). Gender identity.

Title: Hollywood movies and the production of meanings about nurses.

^a Este artigo é parte do Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EEUFRGS) em 2005.

^b Enfermeira.

^c Doutora em Educação. Professora Associada da EEUFRGS.

1 MAIS QUE UM CENÁRIO

Atualmente, a mídia vem assumindo papel relevante junto às demais formas de dinamização e expansão da cultura, tendo um papel globalizante que faz com que nossos mundos se interconectem e se cruzem. Ela produz sentidos acerca daquilo de que se ocupa, e quando se ocupa da Enfermagem não é diferente. Pensar sobre este tema auxilia a compreensão sobre o modo como são subjetivados os usuários do sistema de saúde e os futuros profissionais que procuram os cursos de enfermagem.

Nosso propósito é estudar os saberes sobre a enfermeira que emergem dos filmes, especialmente dos filmes hollywoodianos, bem como a capacidade que este artefato da cultura tem para produzir “verdades” sobre esta profissão. Hollywood foi escolhida por ser um expoente no mundo cinematográfico e por ser o maior centro de produção de filmes que circulam no nosso meio. Além destes aspectos, esta “fábrica de sonhos”, influencia os jovens que assistem a seus filmes e consequentemente constrói sentidos sociais acerca daquilo que trata⁽¹⁾. Acreditamos ser de grande relevância discutir a respeito das histórias que Hollywood conta, pois estas se instituem como verdadeiras por todo o mundo, produzindo discursos e ocupando um espaço pedagógico em nossa cultura. Hollywood ensina, controla e governa, exercendo, assim, o poder de subjetivação e objetivação dos sujeitos⁽²⁾. Segundo o filósofo francês Michel Foucault sujeito é aquele que de alguma forma está submetido ao outro, por relações de controle ou dependência, ou a si mesmo, preso à própria identidade, mediante o conhecimento de si⁽³⁾. Já o poder é visto como produtor do saber, e não como um instrumento de coerção, o que o tornaria frágil⁽⁴⁾. Deste modo, o poder produz efeitos no desejo e no saber. Inspiramos-nos em Foucault para problematizar aquilo que é visto como “natural”, para colocar em discussão o que é tido como “verdadeiro”, não apenas para buscar as transformações que certo objeto sofreu ao longo do tempo em uma determinada cultura⁽⁵⁾. Nesta direção, a imagem que as pessoas estão acostumadas a ver sobre o que é ser enfermeira pode ser problematizada, ao invés de naturalizada.

A intenção de nosso trabalho não é buscar definições, criticar os filmes, atores ou persona-

gens, nem mesmo propor melhores perspectivas para as histórias aí contadas. Nossa proposta é bem menos pretensiosa e se constitui na observação dos sentidos produzidos pelos filmes e na influência que tem na subjetivação das pessoas que os assistem. Com essa investigação, buscamos o “olhar” de Hollywood sobre a enfermeira, as mensagens que as cenas podem transmitir e o poder que tem de fabricar sentidos acerca desta profissão. Saber interpretar signos visuais tornou-se uma necessidade para acadêmicos e professores e o cinema tornou-se um dos instrumentos mais utilizados pelos pesquisadores para exercer seu trabalho tanto em sala de aula como em pesquisas⁽⁶⁾.

Nos últimos anos, vivemos uma “revolução cultural”. Existe um domínio das atividades e práticas ligadas à expressão e comunicação de sentidos, marcadas pelo poder da mídia e da tecnologia que a envolve, exercendo uma “regulação cultural”. A cultura é usada para transformar nosso entendimento, explicar e impor modelos teóricos do mundo. As indústrias culturais, nesse caso, o cinema, têm expandido os meios de produção, circulação e troca cultural, através de uma revolução das informações⁽⁷⁾.

Outro assunto que têm nos interessado são os modos pelos quais os processos de educação vêm ocorrendo na atualidade, inclusive ultrapassando os espaços escolares. Somos educados por imagens que nos são apresentadas todos os dias, em diferentes locais, disponíveis de todas as formas e para todos. Somos educados pelos filmes, pelas charges, pelos jornais e pela televisão⁽⁸⁾. Assim, é possível utilizar novos materiais para pesquisa, como histórias em quadrinhos, artes plásticas em geral, jornais, fotografias, música e cinema⁽⁶⁾.

Tendo em vista estas considerações, o objetivo deste trabalho é estudar o modo pelo qual o cinema hollywoodiano, uma mídia que ocupa um espaço na subjetivação dos sujeitos tem descrito a enfermeira. Em outras palavras, procuramos discutir como estas(es) profissionais são representados e que sentidos são construídos sobre eles e elas nessas histórias.

2 A CULTURA CONSTRUINDO O OLHAR SOBRE A ENFERMAGEM

O trabalho foi realizado a partir de abordagem qualitativa que se aproxima do campo dos

Estudos Culturais, particularmente de sua versão pós-estruturalista. Tal abordagem considera a questão da cultura na perspectiva pós-moderna. Esta se define como uma multiplicidade de tendências em vários meios da cultura, que tem em comum a renúncia da visão iluminista, colocando em suspeita as “verdades” da modernidade⁽⁵⁾. Os Estudos Culturais, apesar de serem de grande abrangência, possuem uma difícil definição. Os estudos da mídia, entre eles o estudo sobre cinema, têm sido um “campo fértil” na produção de diferentes representações interligadas com a cultura atual⁽¹⁾. Para nosso estudo são essenciais as análises que tomam a cultura como um processo que produz identidade. A formação desta identidade é um dos marcos dos Estudos Culturais e é fortemente discutida nos aspectos de gênero, sexualidade, regionalidade e, porque não, das profissões, como a enfermagem. Os Estudos Culturais investigam os “ensinamentos” disseminados em bibliotecas, videogames, televisão, cinema, revistas ou até mesmo nos esportes e as lições que esses veículos propõem sobre o bem e o mal, sobre o que é ser mulher, sobre o futuro, sobre o nosso corpo, o que é certo ou errado, bem como o que é ser moderno ou antiquado⁽¹⁾.

A inspiração para o título desta parte de nosso texto traz um apelo para que possamos focar o nosso olhar e analisar o cotidiano narrado nos filmes, seriados, novelas, romances e propagandas, pois é de nós que eles falam, é da nossa imagem que se ocupam. Com isto, dizemos que as representações sobre a enfermagem são históricas e culturais e, assim, nos ensinam coisas sobre nós e sobre nossas identidades.

3 O CAMINHO INVESTIGATIVO

Para a realização deste trabalho utilizamos como *corpus* de análise os filmes hollywoodianos. Dentre estes, selecionamos aqueles que narram o sujeito enfermeira e seu ambiente (hospitalar ou não), que tiveram ampla circulação e divulgação no Brasil, facilmente encontrados em vídeo locadoras, apresentados não só nos cinemas, mas que fazem parte da programação da televisão brasileira. Optamos por filmes produzidos e apresentados a partir da década de noventa até os dias de hoje, pelo efeito que produzem e fazem circular em nossa cultura, não desconsiderando o valor e

o peso da história na produção de sentidos. De acordo com estes critérios, selecionamos seis filmes que não seguem um único gênero, passam pela comédia, pelo drama e pela aventura e os analisamos utilizando o critério da intencionalidade.

As escolhas teóricas e empíricas influenciaram a seleção das cenas. Selecionamos as imagens assistindo aos filmes indicados, quando fizemos o registro dos extratos através de fichas descrevendo os elementos utilizados para identificar a enfermeira, como as roupas, o ambiente, os demais profissionais e personagens envolvidos (pacientes, por exemplo), até mesmo música, efeitos de luz e câmera. O registro das falas foi feito por transcrição/transcrição dos diálogos das cenas que parecem mais expressivas. O objetivo da transcrição é obter dados que sirvam para análise e codificação, simplificando a imagem complexa da tela⁽⁹⁾. Os filmes selecionados foram: **O Anjo de Vidro**⁽¹⁰⁾, **Patch Adams: O Amor é Contagioso**⁽¹¹⁾, **Entrando Numa Fria**⁽¹²⁾, **Entrando Numa Fria Maior Ainda**⁽¹³⁾, **O Amor é Cego**⁽¹⁴⁾, **A Enfermeira Betty**⁽¹⁵⁾.

Para as análises nos apoiamos em estudos de Foucault, Fabris e Rose. A escolha do primeiro autor é devido à ampla abordagem que ele realiza sobre as questões de saber e poder e, conseqüentemente, da produção de sentidos⁽⁴⁾. Já Elí Fabris elaborou uma dissertação de mestrado sobre o modo como a professora é representada nos filmes hollywoodianos⁽¹⁾. Rose produziu uma metodologia de análise para o mundo audiovisual que propõe que a análise dos filmes seja feita a partir da seleção das imagens e dos discursos considerados relevantes para os objetivos do estudo, considerado o referencial teórico⁽¹⁶⁾. Os filmes devem ser vistos algumas vezes, na sua totalidade. As cenas escolhidas devem ser transcritas, sendo destacados os discursos e as imagens, consideradas em conjunto. Destas cenas são extraídas as unidades de análise que ao final constituem as categorias.

4 NA TELA, A ENFERMEIRA

Durante a elaboração do trabalho conhecemos autores que contribuíram para o tema. Destacamos dentre eles um estudo que analisou seriados para televisão e romances americanos que circu-

laram na mídia mundial de 1854 até 1982. Trabalhando com representação social sobre a enfermeira descreveu o que chamaram de estereótipo da enfermagem, observando que esta era representada de diversas formas: a enfermeira como companheira do homem, a enfermeira como destruidora do homem e a enfermeira como mãe do homem ou de seus filhos⁽¹⁶⁾. Outro estudo concluiu que existem três imagens significativas da enfermeira: a imagem folclórica, a religiosa e a servil, sendo que estas foram construídas através da história da profissão⁽¹⁷⁾. No Brasil, um estudo sobre os mitos da enfermagem aponta os principais estereótipos sobre a enfermagem e classifica a enfermeira como a dama de caridade, ajudante do médico, executora de técnicas, cuidadora de doentes ou administradora⁽¹⁸⁾. Sobre os mitos em relação ao exercício de sua profissão a enfermeira é representada como alguém que não tem tempo e nem pessoal para trabalhar, pois encontra pouco apoio e *status* na estrutura organizacional em que atua.

Em nosso referencial estas questões não se colocam, uma vez que as perspectivas de análise que utilizamos privilegiam artefatos da cultura vistos como discursos produtivos que inventam os objetos de que falam, ajudando a compor sua identidade. Desta maneira o que investigamos são as práticas de subjetivação, formas e mecanismos sociais implicados nas políticas de produção do conhecimento e de identidades, e estes, não estão certos ou errados, apenas representam o que circula na cultura⁽¹⁹⁾.

Para facilitar a compreensão dos nossos leitores quanto às análises que empreendemos decidimos fazer uma distinção entre o que é visto (o olhar) e o que é falado (os discursos). Ao elaborarmos as análises levamos em consideração os aspectos não-verbais e verbais dos textos audiovisuais. Como aspectos não-verbais, consideramos as imagens projetadas nos filmes que revelam o cenário e seus personagens, bem como as técnicas cinematográficas empregadas para enfatizar as cenas. Em relação aos aspectos verbais analisamos as falas dos personagens. As imagens e discursos foram apreciados a partir do que nos evocam. Deste modo, fizemos a análise das cenas e falas como monumentos, a partir de sua exterioridade. Mesmo sabendo que é impossível descrever tudo o que a tela nos transmite, tentamos

enfatizar a dimensão visual com o maior detalhe possível⁽⁹⁾.

5 ANÁLISE VISUAL

Estabelecemos como categorias de análise visual: o hospital como cenário, o figurino, o corpo hospitalizado, gênero, raça e atributos físicos, que serão apresentadas a seguir.

5.1 O hospital como cenário

Ao analisar os filmes optamos por observar como retratam cenas do trabalho da enfermagem. Nestas decidimos olhar para a figura da enfermeira, elemento central deste texto. Observamos que as características reveladas nos filmes são marcantes e se repetem constantemente nestes e em outros filmes que retratam a enfermeira, como um personagem relacionado ao hospital e ao cuidado humano. Deste modo, não é preciso inserir legendas ou algum personagem para dizer que aquele é um ambiente hospitalar, a presença da enfermeira se encarrega de informar. Assim, nesta gramática visual não são necessárias explicações através de palavras, a imagem fala por si.

O cinema compõe o significado através da incorporação de técnicas de edição cinematográficas, como som, iluminação, cenário e jogo de câmeras. Em geral os filmes que retratam um hospital, com suas enfermarias, blocos cirúrgicos, salas de espera e recepções, utilizam uma iluminação bastante clara, que algumas vezes é potencializada pelas tonalidades claras de móveis e paredes, além das vestes dos figurantes e personagens. Quanto ao posicionamento percebemos que frequentemente os personagens que representam a enfermeira encontram-se atrás ou encostados nos balcões de recepção. A postura normalmente é em pé e suas ações se restringem aos procedimentos técnicos ou a atividades administrativas como anotar dados em pranchetas.

5.2 O figurino

A(o) enfermeira(o) é representada(o) usando roupas brancas ou uniformes de bloco cirúrgico (pijamas). Nos filmes Patch Adams: o Amor é Contagioso e O Amor é Cego, quando uma enfermeira é obesa ou idosa, é retratada usando vesti-

do (uniforme branco) largo e comprido, mas quando a enfermeira é alta e magra seu uniforme é justo e curto^(11,14). Em *O Amor é Cego*, já na primeira cena do filme aparece essa diferença dos uniformes das enfermeiras⁽¹⁴⁾. Observamos que não existe uma padronização de vestimentas para estas profissionais, os uniformes são adaptados conforme a estrutura do corpo de cada personagem, valorizando suas características físicas, quando altas, magras e curvilíneas e escondendo suas imperfeições da aparência, quando obesas ou idosas. A presença do gorro ou touca, característicos da vestimenta profissional da enfermeira, principalmente no século passado, aparece mais em filmes que representam um passado remoto como no filme *Patch Adams*, produzido na década de 60⁽¹¹⁾.

Nos filmes analisados encontramos em *A Enfermeira Betty*, logo na capa, a utilização deste artefato simbólico, que durante muito tempo foi utilizado pela enfermeira⁽¹⁵⁾. A touca é parte integrante do uniforme destes profissionais. Acredita-se que este símbolo tenha surgido pela forte influência da religião, na touca branca das diaconisas e no véu da freira da Idade Média. Naquela época era preconizado que as mulheres cobrissem sua cabeça em demonstração de respeito e castidade. Como neste período da história as mulheres não costumavam usar cabelos curtos, esta cobertura ajudava a prender os cabelos longos⁽¹⁷⁾. Nos filmes hollywoodianos, quando não usam toucas, as enfermeiras apresentam penteados e coques muito bem fixados e arrumados, principalmente quando se trata de uma enfermeira jovem e bonita.

5.3 O corpo hospitalizado

Quanto à representação dos pacientes, pudemos observar que eram apresentados de camisoladas de hospital e geralmente posicionados em plano inferior aos demais personagens, normalmente deitados. Em estudo sobre a loucura nos programas de televisão, foi observado que as pessoas doentes são representadas de maneira diferente em relação às pessoas não doentes. Assim, nas cenas que mostram uma pessoa deprimida ela está em plano inferior aos demais personagens centrais da narrativa, geralmente deitados ou sentados⁽⁹⁾. O corpo hospitalizado é cada vez mais

isolado, sendo objeto de olhar e é constantemente manipulado, perdendo sua individualidade e permanecendo a maior parte do tempo com roupas de dormir. Estas roupas são feitas para facilitar o acesso rápido ao corpo do paciente. O termo corpos frios é utilizado para enfatizar a perda da identidade da qual o paciente é despojado quando é hospitalizado, criando uma estratégia que facilita o acesso a este corpo⁽⁵⁾.

5.4 Gênero, raça e atributos físicos

Quanto ao gênero, dois dos seis filmes analisados mostram enfermeiros do sexo masculino. A maioria das personagens são mulheres e todos os médicos são representados pelo sexo masculino. Essas características típicas dos filmes de Hollywood são influenciadas pela formação histórica da enfermeira. A palavra enfermeira é derivada do latim *nutrix* que significa “mãe enfermeira”, aquela que ama e nutre. Não é apenas uma coincidência que a enfermagem tenha sido vinculada ao papel que a mulher ocupava na sociedade, já que por muitos anos esta foi uma atividade exercida apenas por mulheres⁽²⁰⁾. As pessoas do sexo masculino se restringiam apenas ao cuidado nas alas dos homens ou doentes mentais. A enfermagem nasce como um serviço organizado por instituições religiosas, coexistindo no cuidado doméstico às crianças, aos doentes e aos velhos, associado à figura da mulher-mãe que desde sempre foi curandeira e detentora de um saber informal de práticas de saúde, transmitido de mulher para mulher.

Quanto à cor da pele, a maioria dos personagens era branca, mas em um dos filmes havia duas enfermeiras, um técnico de enfermagem e dois seguranças negros.

Quanto à aparência física observamos que as enfermeiras loiras são altas e magras. As atrizes que representam as enfermeiras ou são muito bonitas ou são muito feias sendo, neste caso, representadas por mulheres obesas e idosas. A beleza ou aparência física parece estar relacionada com a atitude, já que a bonita é apresentada como boazinha e a mais feia desempenha o papel de pessoa rígida, ou mesmo má. Este modo de representar a enfermeira foi imortalizado pela célebre personagem de Charles Dickens (1812-1870), Mrs. Sairey Gamp, um tipo de “profissional” que

ainda hoje serve para designar a enfermeira ignorante e sem ideal⁽²¹⁾.

6 ANÁLISE DOS DISCURSOS

Estabelecemos como categorias de análise discursiva: a enfermeira como normalizadora do hospital; a enfermeira, uma profissional subalterna e de pouco *status*; a enfermeira como vilã(o) ou como herói(na); e a enfermagem como uma profissão feminina, que serão apresentadas a seguir.

6.1 A enfermeira como normalizadora do hospital

No filme *Anjo de Vidro* vemos que a enfermeira é uma profissional muito ocupada com seu serviço, sem sair de trás do balcão da recepção e parar de fazer anotações, é incapaz de dar atenção e olhar para as pessoas com quem fala⁽¹⁰⁾. A falta de tempo é a queixa mais freqüentemente encontrada entre os profissionais de enfermagem⁽¹⁸⁾. Assim, para esta enfermeira, o hospital não é um local de festas. Muitos de nós, sem saber explicar, conservam-se fascinadas pela calma do ambiente hospitalar, onde a paz e o silêncio dominam, e onde não são raras as enfermeiras guardiãs do silêncio, com seu dedo indicador sobre os lábios⁽¹⁶⁾.

Observamos que nestas, bem como em outras cenas, as enfermeiras dão um grande valor às regras, normas e disciplina. Estas características profissionais vêm desde o passado, quando esses valores foram fixados e fizeram parte da trajetória da enfermagem. Ao analisar a história da enfermagem, reconstituindo a organização de suas práticas entendemos porque nos transformamos no que somos. Ao longo dos anos a enfermagem tem uma história marcada pela disciplina, pela ordem, por uma cultura de si dentro de instituições como a escola, o hospital e, mesmo, o exército. É interessante lembrar os momentos da história da enfermagem pontuados pela presença da enfermeira na guerra, com o objetivo de preservar o corpo do soldado, através de duas personagens – Florence Nightingale e Ana Néri – que são exaustivamente reverenciadas em nossa profissão.

No filme *O Anjo de Vidro* a enfermeira reafirma a importância das normas representando a pessoa que coloca ordem no mundo hospitalar⁽¹⁰⁾. Podemos analisar esta questão estudando o

texto de Foucault “O Nascimento do Hospital”, onde o hospital surge através da disciplina e do esquadramento dos corpos⁽⁴⁾. Esta disciplina, recorrentemente retratada nos filmes, é uma técnica de exercício de poder, que se manifesta pela inserção dos corpos num espaço individualizado, que pode ser observado na distribuição espacial dos pacientes (as enfermarias), classificados por sexo, idade, gravidade ou tipo de enfermidade. A disciplina como uma forma de vigilância contínua, não somente no olhar que vigia, mas no sistema de inspeção, que permite conhecer a “verdade” sobre o paciente, constituindo um ritual onde é preciso detalhar e obedecer a um “cerimonial” que torne possível este processo⁽⁵⁾. Estas reflexões sustentam a imagem que circula por Hollywood, a imagem do profissional que controla, vigia e registra tudo o que acontece no mundo hospitalar.

Florence Nightingale, determinada pelos ensinamentos das diaconisas, acumula informações advindas dos hospitais militares nas guerras e institui a enfermagem dita moderna, através da normatização, da padronização, do registro e da introdução da estatística no ambiente hospitalar, elementos constituintes do sistema disciplinar. Ela também situa a enfermagem como uma profissão feminina, pois as mulheres eram “naturalmente preparadas” a partir dos valores e tarefas consideradas femininas⁽²²⁾. Na obra “Notas sobre a Enfermagem” destaca a falta de culpabilização, a crítica à negligência e os aspectos negativos do sexo feminino, caracterizado pela insensatez e necessidade de avaliação constante devido a falta de confiabilidade das mulheres⁽²³⁾.

6.2 A enfermeira, uma profissional subalterna e de pouco *status*

No filme *Entrando numa Fria*, um paciente confunde o enfermeiro Greg com um médico, mas Greg já está acostumado e explica que é enfermeiro e que o médico logo virá⁽¹²⁾. Para analisar esta cena nos reportamos às diferentes origens da prática médica e da enfermagem principalmente em sua inserção no hospital. A medicina destacou-se historicamente, como prática dominante em relação à enfermagem, as diferenças entre elas são evidentes já na formação profissional. Nesta, o médico é preparado para curar, através do diagnóstico e tratamento de doenças, en-

quanto a enfermagem é preparada para o cuidado de pessoas, em todas as etapas da vida.

Quanto ao campo de atuação da enfermeira é interessante destacar o modo pelo qual a enfermagem, a partir da década de cinquenta do século passado, se preocupa em estabelecer um campo de conhecimentos que justificasse sua existência como profissão. Aí começa a se constituir um discurso que estabelece a profissão como responsável pelo cuidado humano e a enfermeira como planejador(a) e executor(a) destes cuidados, em oposição ao papel de ajudante do médico que tradicionalmente era atribuído à enfermagem.

Outro aspecto a ser destacado é quanto à socialização feminina. Neste é destacada a importância da família e reafirmado o lugar da mulher, o que influencia as profissões sexualmente discriminadas. Esta socialização freqüentemente determina a escolha profissional da mulher, encaminhando-a para certos tipos de profissão “adequadas” e designadas como femininas no mercado de trabalho. Essas ocupações de pouco valor e de baixa remuneração não são atraentes para os homens, tem “fácil entrada” e menor concorrência. Isso favorece a entrada de camadas menos favorecidas da população na enfermagem, explicando o pensamento de que esta é uma profissão de “nível de escolaridade baixo”⁽²⁴⁾.

Um outro discurso muito encontrado é o de que a caridade e a obediência estão presentes no trabalho da enfermagem. Nos filmes, a enfermagem é frequentemente apresentada como ocupação simples e acessível a qualquer ser humano que queira ajudar seu semelhante. No filme *O amor é cego* observamos duas enfermeiras realizando procedimentos e administrando medicações. Neste extrato o médico pede que se retirem do quarto e estas obedecem prontamente. A cena retrata, como em outras cenas comuns nos hospitais hollywoodianos, a subalternidade da enfermagem perante o médico⁽¹⁴⁾. Retomando os aspectos históricos que delineiam a enfermagem, constatam-se as influências de um tempo em que o trabalho da enfermagem era feito por mulheres interessadas apenas em realizar a caridade e sem retribuições. As noviças (enfermeiras) provinham de boa família e vida exemplar, não faziam votos e não recebiam salário. A obediência era restrita às ordens médicas, sendo este reconhecido como único responsável pelos resultados.

6.3 A enfermeira como herói(na) ou como vilã(ã)

No filme *Patch Adams*, Patch diz a todos: “Cultivem amizades com essas pessoas incríveis, as enfermeiras que estão no fundo da sala, que ensinam, cuidam de pessoas todos os dias, trabalhando com sangue e merda, elas têm muito a ensinar, assim como os professores que não tem o coração gelado”. Nesta cena visualizamos uma imagem que é recorrente nos filmes e demais mídias que tratam da profissão, a enfermeira representada como heroína ou como o anjo branco que suporta tudo e executa seu trabalho apenas para ajudar o próximo⁽¹¹⁾. Na *Era Cristã*, a enfermagem foi-se vinculando às organizações religiosas que exigiam disciplina e obediência absoluta às ordens de superiores, tais como médicos e pastores. Este pensamento marcou a profissão e permanece em muitos casos até os dias de hoje. O serviço religioso permitia às mulheres solteiras uma oportunidade de trabalho, além de realizar a caridade, cuidando de doentes, idosos, pobres, órfãos, escravos ou prisioneiros, reforçando o amor Cristão.

Na enfermaria pediátrica *Jack*, o personagem principal de *O Amor é Cego*, visita as crianças internadas acompanhado de sua amiga. Quando a enfermeira chega ele diz: “A bruxa voltou”. A enfermeira diz que não é hora de visitas e pede que ele coloque uma das crianças no chão e vá embora. Seu bip toca e ela sai de cena. Logo após a amiga de *Jack* diz: “Não dê bola para a Dona Azeda”. Ao contrário da cena anterior, este extrato representa a enfermeira vilã, muitas vezes retratada como a bruxa, aquela que faz mal às crianças, aplica injeções, provoca dor e coloca ordem e disciplina no hospital⁽¹⁴⁾. O disciplinamento pode ser observado nesta cena, onde os pacientes são distribuídos de modo que seja possível vigiá-los constantemente por enfermeiras que observam e mantêm a ordem. Esta possibilidade o registro, quando a enfermeira é apresentada com uma prancheta na mão, demonstrando que tudo anota e não perde informações, que depois serão repassadas a seus superiores. O mito da enfermeira sem tempo também é visto nesta análise através do toque do bip, apressando a enfermeira a terminar logo a sua ronda porque outra tarefa a aguarda⁽¹⁸⁾.

6.4 A enfermagem como profissão feminina

No filme *Entrando numa Fria Maior Ainda*, o sogro pergunta em tom irônico: “Não há muitos homens nessa profissão, não é Greg?”. Greg responde sem entusiasmo: “Não, Jack. Tradicionalmente, não”⁽¹³⁾.

Esta cena, bem como outras recorrentemente encontradas nos filmes, retrata a produção de sentidos sobre a questão de gênero na enfermagem. Tradicionalmente é o termo utilizado pelo enfermeiro Greg, o que demonstra o peso histórico e cultural contido nesta palavra. Ser homem e ser enfermeiro é alvo de comentários em dois dos filmes que analisamos. A dificuldade que os outros personagens têm de entender a escolha de Greg é recorrente e aparece na forma de piadas e brincadeiras. Em outra cena do mesmo filme um dos médicos está com Greg na piscina e o chama de enfermeira-chefe. Este médico, além de ter o propósito de ofender Greg, utiliza o termo enfermeira por não aceitar que um homem possa ser enfermeiro. Já a palavra chefe traz consigo a imagem já comentada anteriormente que designa a atitude normativa e burocrática de muitas enfermeiras. Estas cenas retratam o que é “normal” para a sociedade e apontam este profissional como pertencendo ao gênero feminino, da mesma forma que retratam os médicos como pertencentes ao gênero masculino⁽¹³⁾.

Primeiramente, ao analisar as questões de gênero na enfermagem, é importante esclarecer o uso dos termos feminino e masculino. Estes, não delineiam ou restringem os sexos, mas os categorizam, através de posturas quanto a modos de conhecer e atuar no mundo. A enfermagem foi marcada em sua história como feminina, devendo então se destacar pela leveza e poder de encantamento, embora a profissão tenha nascido e se organizado como profissão rígida, asséptica, enérgica e masculina. Estas características têm influência da escola *nightingaliana* constituída no exemplo militar e no puritanismo vitoriano, rígido e rico em normas⁽²⁵⁾.

No filme *Entrando numa Fria Maior Ainda* a primeira cena mostra uma mulher tendo bebê em posição de litotomia. O marido, nervoso, pede que o enfermeiro Greg faça alguma coisa, porém quando descobre que ele é um enfermeiro, entra em pânico e pergunta: “Homem enfermeiro, que tipo

de homem você é?”. Greg tenta explicar que é um profissional que sabe o que está fazendo e que precisa que confiem nele. Observamos nesta cena, mais uma vez o discurso que Hollywood constrói ao colocar nas telas a enfermagem como uma profissão exclusivamente feminina⁽¹³⁾.

7 SÍNTESE

Ao analisar a imagem da enfermeira nos filmes hollywoodianos, verificamos a importância desta indústria cinematográfica na formação de sentidos sobre este profissional. Esta “fábrica de sonhos” é também detentora de grande poder cultural que produz sentidos e sujeitos. Na análise visual observamos que o cenário hospitalar é retratado com cores claras, corredores, salas de espera, balcões de recepção. O paciente, o médico e a enfermeira são personagens que são inseridos nas cenas como peças que contribuem para a caracterização do hospital. Nas cenas, o paciente encontra-se em nível inferior aos demais personagens, usa camisolas de hospital e pode estar cercado de aparelhos, tubos e sondas, deixando-o preso ao leito, paciente, aguardando o atendimento dos médicos e enfermeiras. O médico é representado de jaleco branco e estetoscópio no pescoço, sendo que nos filmes que analisamos este profissional era do sexo masculino.

Já a enfermeira foi representada em dois filmes pelo sexo masculino, nos outros quatro, por mulheres. As enfermeiras jovens e bonitas tinham uniforme e cabelos impecáveis, com bastante maquiagem, gestos calmos, delicadeza e bondade com seus pacientes. A maioria das enfermeiras era branca, sendo que em dois filmes foram representadas pela raça negra. O uniforme era branco ou do tipo pijama de bloco cirúrgico. A touca foi encontrada em três filmes analisados. Nos filmes a enfermeira normalmente encontrava-se atrás de um balcão, fazendo anotações em sua prancheta, realizando tarefas administrativas ou procedimentos técnicos. Nas análises categorizamos imagens que aparecem recorrentemente nos filmes: a imagem da enfermeira normalizadora, a imagem da enfermeira subalterna e de pouco *status*, a imagem da enfermeira vilã ou heroína e a imagem da enfermagem como uma profissão feminina.

Para concluir, destacamos que a nossa intenção não foi criticar os filmes ou imagens en-

contradas, nem dizer que elas eram corretas ou inadequadas, mas sim refletir sobre o poder que tem a mídia para produzir sentidos que fazem diferença naquilo que pacientes, enfermeiras e futuros profissionais pensam sobre si e sobre a profissão. Entendemos que o que as pessoas assistem nas telas do cinema, que as representações que elas vêem, e a forma como o mundo é representado para elas – em resumo a “cultura do cinema” – influencia, modela, guia e regula normativamente, por exemplo, a imagem que elas têm ou fazem das coisas deste mundo. Assim, não estamos falando em dobrar alguém por coerção, influência indevida, propaganda grosseira, informação distorcida ou mesmo por motivos dúbios. Estamos falando em arranjos de poder discursivo ou simbólico, pois pensamos que as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pela cultura⁽⁷⁾.

REFERÊNCIAS

- 1 Fabris EH. Representações de espaço e tempo no olhar de Hollywood sobre a escola [dissertação de Mestrado]. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 1999. 183 f.
- 2 Fabris EH. Hollywood e a produção de sentidos sobre o estudante. In: Costa MV. Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS; 2000. p. 257-86.
- 3 Foucault M. Dois ensaios sobre o sujeito e o poder. In: Dreyfus H, Habinow P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1995. p. 231-49.
- 4 Foucault M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal; 1999.
- 5 Rambor A. Os filmes hollywoodianos e a produção de sentidos sobre a enfermeira [trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Enfermagem]. [Em CD-ROM]. Porto Alegre: Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2005. 72 f.
- 6 Langer J. Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos. *Revista História Hoje* [periódico na Internet] 2004 [citado 2005 jul 17];12(5). Disponível em: <http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol2n5/johnni.htm>.
- 7 Hall SA. Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade* 1997;22(2):15-46.
- 8 Costa MV, Silveira RH, Sommer LH. Estudos Culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação* 2003;(23):36-61.
- 9 Rose D. Análise de imagens em movimento. In: Bauer MW, Gaskell G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes; 2002. p. 343-64.
- 10 *O Anjo de Vidro*. Direção de Chazz Palminteri. Produção de Al Corley, Eugene Musso, Bart Rosenblatt e Howard Rosenman. Chicago: Red Rose Productions LLC; 2004. 1 DVD (96 min).
- 11 *Patch Adams: o amor é contagioso*. Direção de Tom Shadyac. Produção de Mike Farrell, Barry Kemp, Marvin Minoff e Charles Newirth. Los Angeles: Universal Pictures; 1998. 1 DVD (114 min).
- 12 *Entrando numa fria*. Direção de Jay Roach. Produção de Robert De Niro, Jay Roach, Jane Rosenthal e Nancy Tenenbaum. Los Angeles: Universal Pictures; 2000. 1 DVD (108 min).
- 13 *Entrando numa fria maior ainda*. Direção de Jay Roach. Produção Robert De Niro, Jay Roach e Jane Rosenthal. Los Angeles: Universal Pictures; 2004. 1 DVD (114 min).
- 14 *O amor é cego*. Direção de Peter Farrelly e Bobby Farrelly. Produção de Bobby Farrelly, Peter Farrelly, Bradley Thomas e Charles B. Wessler. Los Angeles: 20th Century Fox; 2001. 1 DVD (108 min).
- 15 *A enfermeira Betty*. Direção de Neil LaBute Steve Golin e Gail Mutrux. Culver City: Propaganda Films/IMF Internationale Medien und Film GmbH & Co. Productions KG; 2000. 1 DVD (112 min).
- 16 Kalisch PA, Kalisch BJ. Nurses on prime-time television. *American Journal of Nursing* 1982;82(2): 264.
- 17 Ellis JR, Hartley CL. *Enfermagem contemporânea: desafios, questões e tendências*. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed; 1998.
- 18 Horta WA. Os mitos da enfermagem. *Enfermagem Novas Dimensões* 1975;1(2):60-3.
- 19 Costa MV. *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A; 2003.

- 20 Lopes MJM, Leal SMC. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. Cadernos Pagu 2005;(24):105-25.
- 21 Dickens CMC. The works of Charles Dickens. New York: Books Inc; 1936. v. II.
- 22 Nightingale F. Notas sobre enfermagem. São Paulo: Cortez; 1989.
- 23 Lunardi VL. História da enfermagem: rupturas e continuidades. Pelotas: Universitária; 1998.
- 24 Meyer DEE. Ao olhar-se no espelho, a enfermeira não tem gostado da imagem que aí vê refletida. Revista Brasileira de Enfermagem 1992;45(2/3):176-82.
- 25 Rezende ALM. A imagem da enfermagem numa perspectiva formista. Enfermagem Revista 1993;1(1):25-36.

Endereço da autora/Author's address:

Maria Henriqueta Luce Kruse
Rua São Manoel, 963
90.620-110, Porto Alegre, RS.
E-mail: kruse@uol.com.br

Recebido em: 26/10/2006

Aprovado em: 06/02/2006
